

CORDEL
ENCASTELADO

#19
MMXX



GONZAGÃO
AMOSTRADO

Crecilda Barbara de Souza

Cárlisson Galdino

Ronaldo Oliveira

Milene Lima

Samuel de Monteiro

Francinilto Almeida

Luciene Torres de Albuquerque

TÍTULO Cordel Encastelado #19 - Gonzagão Amostrado

TIPO DE CORDEL Coletânea de Cordéis

TEMA Luiz Gonzaga, cordel amostrado

EDIÇÃO ATUAL 1ª (2020)

1ª PUBLICAÇÃO 2020

AUTORIA Crecilda Barbara de Souza
Cárlisson Galdino
Ronaldo Oliveira
Milene Lima
Samuel de Monteiro
Francinilto Almeida
Luciene Torres de Albuquerque

ESTRUTURA 1 hepteto (7) e 7 sextilhas (6)
20 sextilhas (6)
4 + 7 + 12 setilhas (7)
5 décimas (10)
41 sextilhas (6) e 1 hepteto (7)

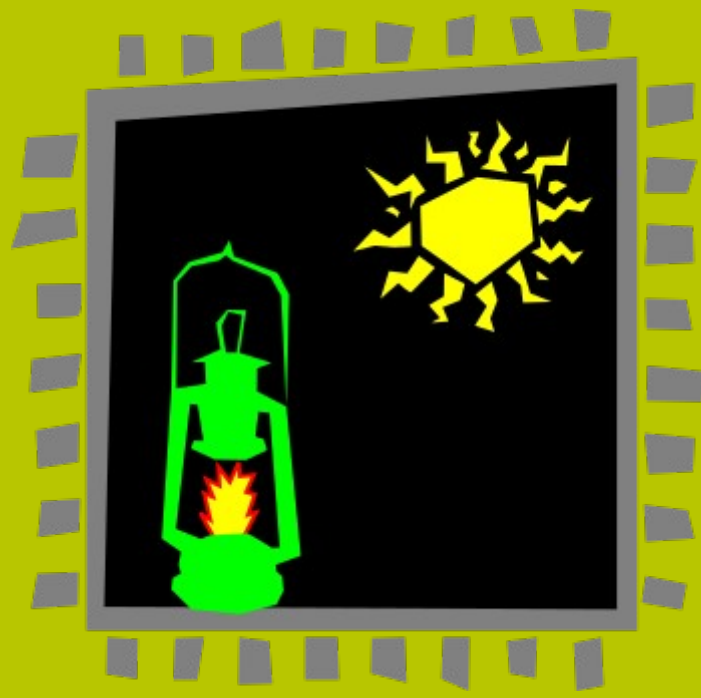
ESTRUTURA DE RIMAS xAxAxA
xAxAxA
xAxABBA
ABBAACDDC
xAxAxAA

MÉTRICA Variável (x)
Redondilhas maiores (7)

Este cordel é uma publicação de cordelistas agrupados sob o projeto Cordel Encastelado, criado durante a quarentena que foi formada em resposta ao novo Corona Vírus (COVID-19). Esperamos que você goste deste trabalho.



*Esta obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.*
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Cordel Amostrado

É um subgênero da Literatura de Cordel, criado no Movimento Neocordelismo. No Cordel Amostrado, o poeta parte de uma poesia ou música conhecida e extrai elementos, que podem ser de poética (métricas, estruturas e ritmos) ou de expressões (versos ou passagens marcantes). A partir dos elementos selecionados, o cordelista cria uma nova obra, como um cordel, homenageando desta forma o poeta original.



Onde Mora a Felicidade

Crecilda Barbara de Souza

Olinda - PE

Veja hoje em dia
Que tamanha confusão
A qualidade de vida se foi
Ninguém houve falar não
Veja a mulher do meu patrão
De acordo com Gonzaga
Vive sem satisfação

A mulher da roça é mais feliz
Tem menino para cuidar
Tem comida na cozinha
Tem filho para educar
Vive feliz na sua casa
Cuidando do seu lar

Parece paradoxo
Parece contradição
Mais a vida na roça
Tem muita ocupação
É cuidando da família
Que se vê contemplação

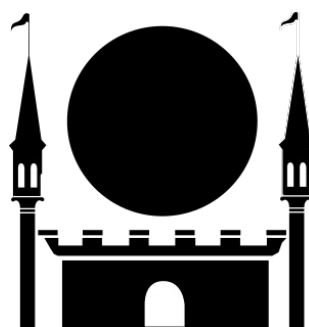
A mulher da roça é guerreira
Não encuca fácil não
Tira o leite da cabra
Tem boa alimentação
Vive sempre ocupada
Sem tempo para depressão

Com a modernidade
Muita coisa mudou
A mulher ampliou horizontes
E tudo se transformou
Vive mais em função do trabalho
O que as vezes trás dissabor

De acordo com Gonzaga
A vida simples dá satisfação
As ocupações do lar
São feitas com dedicação
Não há tempo para ócio
Como a mulher do meu patrão

A motivação para uma vida feliz
Nos remete a uma grande lição
Ser feliz com coisas simples
Viver a vida com emoção
Ter dedicação com o que é nosso
Felicidade como nossa missão

A felicidade pode ser construída
Não é preciso buscar ostentação
Não tem vaidade ou riqueza
Ela tem como casa o coração
É nutrir paz, amor, solidariedade
É viver entrelaçando as mãos





Matuto Digital

Carlisson Galdino

Arapiraca - AL

Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006. Iniciou na Literatura com o livro de poesias Chuva Estelar, em 1999. Escreve cordéis desde 2005, com mais de 100 títulos, incluindo inovações no gênero, como o cordel interativo. Também tem contos e seis novelas de aventura: Jasmim, Escarlata (trilogia), Warning Zone e Sina. Autor de sistemas e ambientações para RPG, publicados no XR Zine.

<http://www.carlissongaldino.com.br/>

Gonzagão achou estranho
Quando ele conheceu
As coisas da capital
Foi nessa que ele escreveu
Espantado com essas coisas
Desse mundo de meu Deus

Porém em um celular
Ele nunca pôs a mão
Teria mais estranheza
E mais admiração
Pra cantar ainda mais forte
Aqui não tem disso não

Pois veja: o tal telefone
É para pôr no ouvido
O celular de hoje em dia
Já tá tão evoluído
Que fala é um vendo o outro
Numa chamada de vídeo

Lá no mundo virtual
Essa comunicação
Por vídeo, voz e escrita
E uns emoji do cão
O matuto olha e só pensa
Aqui não tem disso não

Um recado pra depois
No sertão tem secretária
O cabra escreve num bloco
Com uma bic ordinária
Talvez até uma carta
Seja mesmo necessária

Na Internet é num segundo
O cabra manda um textão
Ou deixa ali seu recado
Como numa gravação
Na Internet hoje é assim
Aqui não tem disso não

Teve um tempo que pra rir
Tinham que contar piada
Depois veio o tal Faustão
Com as video-cassetadas
Hoje pegam o celular
Pra mangar das presepadadas

Tem um tal de tique toque
Que usam pra mangação
Dentro daquela caixinha
Que nem na televisão
Isso é só no celular
Aqui não tem disso não

No celular dessa gente
Meu amigo, nunca vi
Quando ele pega algum vírus
Nem se dá conta de si
Nem coriza, nem espirra
Nem desembesta a tossir

Fica mandando mensagem
Para qualquer cidadão
Ainda rouba seu dinheiro
Esse vírus é um ladrão
Graças a meu Pai do céu
Aqui não tem disso não

Tenho visto tanta gente
Paquerando o celular
Tem um tal de aplicativo
Que eles danaram a usar
Conhecido como Tinder
Só não vi um pra rezar

O cabra conhece a moça
E marca se tem tesão
Se ela marcar de volta
É feita a combinação
No celular já tem disso
Aqui não tem disso não

No sertão se era preciso
Uma feira, o cabra pega
De esticar sua canela
Pra vendinha ou pra bodega
Hoje se usa o celular
E o fí da peste inda entrega!

Dentro de um celular
Não existe explicação
Só falta engolir a tela
Pra fazer a refeição
Lá tá tudo avançado
Aqui não tem disso não

Não acostumo com o mundo
Ele funde nossa cuca
Hoje invés de ir à escola
É o celular que educa
Usam para ler cordel
Até pra jogar sinuca

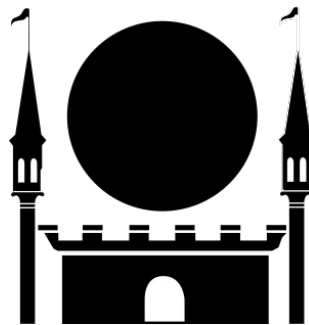
Continuo achando estranho
Fazendo a comparação
O mundo da Internet
É pra onde todos vão
Só não tem ainda banheiro
Aqui não tem disso não

E aquele tempo que tinha
Uma outra presepada?
Gente com um celular
Correndo alucinada
Procurando pokémon
Quem via, não tinha nada

Parece até que esse povo
Tinha uma alucinação
Entre celular e vida
Fazendo uma confusão
Lá pode ter pokémon
Aqui não tem disso não

Hoje brincam com Internet
Que nem um hobby ou esporte
Mas cada dia que passa
Essa coisa tá mais forte
Um dia vai ser lugar
Pra onde ir depois da morte

Depois que o sujeito morre
Faz digitalização
Pra viver só na Internet
Que nem uma assombração
Inda bem que por enquanto
Aqui não tem disso não





Versão de Riacho do Navio

Ronaldo Oliveira

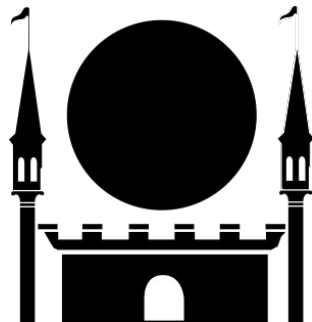
Arapiraca - AL

Meu sertão fica tão rico
Quando chove sem parar
A caatinga fica verde
Os córregos a escoar
Do céu cai logo um corisco
E o rio São Francisco
Vai bater no mei do mar

Vai juntando o aguaceiro
Vem o sapo a coaxar
Alegria no sertão
O povo vai trabalhar
Num pode ver um chuvisco
E o Rio São Francisco
Vai bater no mei do mar.

As águas na ribanceira
Faz aquele pá pá pá
Irriga e faz energia
É bonito admirar
E sem correr nenhum risco
E o Rio São Francisco
Vai bater no mei do mar.

O nosso Nordeste árido
Tem riqueza pra danar
Caatinga, belas paisagens
Pra gente se pabular
E sem fazer mexerico
Tem o rio São Francisco
Que vai bater no mei do mar





Karolina com K e outras Conversas

Milene Lima
Arapiraca - AL

Gonzaga era tocador
De sanfona num forró
Pois foi lá que conheceu
A mulher que lhe deu nó
Chamada de Karolina
Que beleza nordestina
Moça grandona que só

Ele queria agradar
Na pegada do baião
Mas ela bem distraída
Lá no meio do salão
Botando olho no povo
Mangando de velho a novo
Nem lhe prestou atenção

Quando Anselmo apareceu
Gonzaga lhe deu o fole
Quis beber logo cerveja
Pra paquera não ser mole
Sá Marica quis vender
Tava quente de doer
Bebida que ninguém bole

“Sou Karolina com K”
Falou a moça faceira
Dançaram tanto no mundo
De perder a estribeira
E Anselmo na sanfona
Vendo a mulher compridona
Com molejo nas cadeira

E no final do forró
Foi a hora do dinheiro
Luiz pegou dois pedaços
Deu só um ao companheiro
Anselmo todo iludido
Nem viu o acontecido
Eita, Luiz trapaceiro!

Pois foi simbora depressa
O casal apaixonado
Botaram o pé na estrada
Numa égua amontado
“Homi, corra, faz favor
Gosto ruim no nosso amor
Esse povo tem botado”

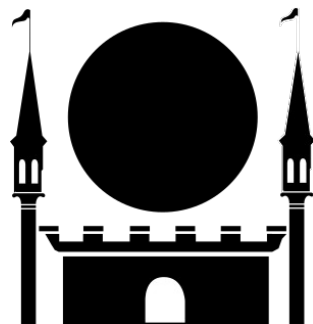
Mas chegando no riacho
A égua não aceitou
Atravessar tanta água
E a bicha refugou
O jeito foi se acoitar
No mato e esperar
Até que o medo passou

Os três lá dentro das moitas
Sem ninguém pra atrapalhar
A égua por testemunha
Viu o caso começar
Gonzaga, bicho sem jeito
Ficou todo satisfeito
Quis foi a égua lavar

Essa história conhecida
Pela voz de Gonzagão
Toda vez que eu escuto
Me dá muita emoção
O pai tava na calçada
Numa noite enluarada
Festejo de São João

Mesmo com pouca memória
Ele riu quando escutou
Gonzaga chamando Anselmo
Pois ele bem se lembrou
Do nome do seu menino
Que por bonito destino
A ele se dedicou

O meu pai era Luiz
Assim como Gonzagão
Ele era apaixonado
Pela rima do sertão
Desse mundo foi embora
A saudade é toda hora
Bem no nosso coração





Na Sombra do Juazeiro

Samuel de Monteiro

Monteiro – PB

*O poeta, cordelista e produtor cultural **SAMUEL DE MONTEIRO**, nasceu em 16 maio de 1970, na cidade de Monteiro (PB) e escreve desde os 13 anos. Filho do poeta e repentista **Asa Branca do Ceará**, herdou do pai, o gosto pela poesia. Ente cordéis e poemas tem mais de 300 trabalhos escritos e embora viva numa metrópole (Campinas, interior de São Paulo) suas fontes de inspiração são a simplicidade do matuto e as coisas do sertão. Atualmente é responsável por vários projetos ligados à cultura primitiva nordestina e pelo movimento “**Sarau de Boteco**”, que acontece nos bares campineiros, com o objetivo de dar vez e voz aos poetas anônimos da cidade e da região*

Juazeiro, o meu destino
Tá ligado junto ao seu
Como um homem que viaja
E que pensa que esqueceu
Das histórias já vividas
As lembranças divididas
De um tempo que se perdeu

Quando chego à sua sombra
Voltam de vez, as lembranças
Os namoros sob os galhos
O descanso das andanças
O pensamento distante
Recordação de um instante
Em meio a tantas mudanças

Juazeiro, juazeiro
Me “arresponda” por favor
Quantas vezes o seu tronco
Testemunhou nosso amor
Quanto segredos guardados
De casais apaixonados
Você foi o benfeitor

Juazeiro, da lembrança
Da sombra, do pensamento
Do fim de tarde, na roça
Do olhar no firmamento
Da poesia e da prosa
Do vestido cor de rosa
Daquele amor, de momento

Juazeiro do destino
Daquele que a gente leva
Dos sonhos de tempos idos
Que até a alma se eleva
Viajando na memória
Relembrando cada história
De tanto amor, que se enleva

Juazeiro, velho amigo
Com seu tronco tão cravado
Por mãos que amaram tanto
Do segredo apaixonado
Juazeiro do destino
Do meu tempo de menino
Do sentimento guardado

Ah! Meu nobre juazeiro!
Meu lindo pé de juá
Das lembranças viajantes
Uma hora aqui e acolá
Se em pensamento visito
Um amor bom e bonito
Me leva de vez, pra lá.

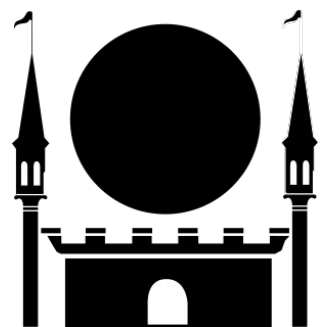
Será que você concorda
Que é triste demais sofrer?
Juazeiro me ensine
Como se pode viver
Longe do seu arvoredado
Como se vence este medo
De não ter um bem querer?

Gonzagão bem que sabia
Que triste era seu destino
Pois amar alguém mais rico
Nunca foi pra este menino
Amor guardo em papel
A filha do coronel
Lhe deixou em desatino

Coronel sem coração
Não sabia o que era amar
Só aquele juazeiro
Conseguiu testemunhar
Aquele amor juvenil
Que um homem mal e vil
Foi capaz de separar

Ganhou um novo sentido
Juazeiro eternizado
Que protegeu os amantes
Que sempre ficou do lado
De quem trazia a pureza
Pois o amor com certeza
Ali foi compartilhado

Juazeiro meu amigo
Me despeço nesta hora
Com saudade da poesia
Daquela sombra de outrora
Lembrando tudo o que resta
Com meu coração em festa
Sem vontade de ir embora!





Angústia Ceapense

Francinilto Almeida

Tabuleiro do Norte – CE

Nasceu em Tabuleiro do Norte, Ceará, a 17 de novembro de 1962. Formado em Letras, com pós-graduação em Planejamento Escolar, é professor concursado em Escola Pública Estadual. Publicou os seguintes livros: - A Fúria do Segredo (romance), 1990; - Geografia do Amor em Transe (poesia), 2000; - A Longa Travessia (romance), 2004, além de outros títulos inéditos. Ultimamente tem-se dedicado bastante à produção de Literatura de Cordel, com mais de cem títulos, nesta área.

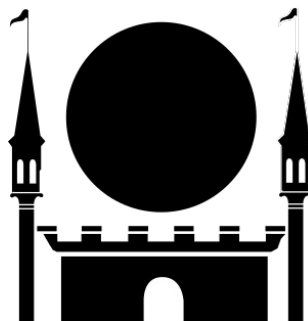
Meu Deus, peço o seu perdão
Pois, de joelhos, rezei
Ao Senhor muito implorei
Mandar chuva de montão
Não foi de fato intenção
Muito mais foi desespero
Reza exige bom tempero...
Não gerou bom resultado
Rezei, cometi pecado
Perdoe o meu exagero.

Oh, Deus! Sei que se zangou
Pelo meu gesto cruel
Agora sei: meu papel
De tão forte malogrou
Eis que o sol se retirou
E toda a chuva desceu
Esconder! Não entendeu?
Mas era só um tiquinho
Chovendo bem de mansinho
Regando o roçado meu.

Eu sei... Não rezei direito
Não sei fazer oração...
Perdoe-me, Senhor, então
Por esse grande defeito
Por estar insatisfeito
E sequer saber pedir
Como vou me dirigir
Se sou um caboclo rude
Quis aprender, mas não pude
Só vivo a me desnutrir.

Meu Deus, perdoe eu encher
Esses meus olhos com água
Pedindo com tanta mágoa
Que o sol fosse se esconder
Implorei sem me deter...
Veio enchente, veja lá...
Fatura também não há.
O sol vinha sem inverno
Eu quis acabar o inferno
Que queimou meu Ceará.

Eu faço, assim, louvação
À "Súplica Cearense"
Para que jamais se pense
Num plágio sem proporção
Mas lhes digo com razão
O Gordurinha e Nelinho
Compuseram com carinho
Obra-prima por demais
Gonzagão inda fez mais:
Floriu melhor o caminho.





Cordel do Gonzagão

Luciene Torres de Albuquerque

Igaci - AL

Natural de Igaci, Alagoas com graduação em Letras e Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia e Psicanálise aplicada à Educação e Saúde, Mestre em Ciências da Educação, Professora de Língua Portuguesa é Contadora de histórias e Cordelista. É membro da Academia Alagoana de Literatura de Cordel, ocupa a cadeira Nº 19, que tem como patrono Expedito Sebastião da Silva´.

Realiza Oficinas de Literatura de Cordel, Oficinas de Contação de Histórias e Formação de Professores.

Entre muitos nordestinos
De fama e tradição
Pernambuco deu ao povo
O nosso Rei do Baião
O grande Luiz Gonzaga
Que animou o sertão.

Na cidade de Exu
No sertão pernambucano
Na Serra do Araripe
Ele foi se destacando
Ali nasceu o menino
Que no mundo saiu cantando.

Em mil novecentos e doze
Dia treze de dezembro
Luiz Gonzaga nasceu
Luz para o mundo trazendo
Com música ele animou
Seu caminho foi perfazendo.

Sua mãe dona Santana
Muito contente ficou
E o pai Seu Januário
Também se emocionou
E em seus ensinamentos
A música destacou.

Foi lá no sopé da serra
Que o menino cresceu
Seu pai vivia na roça
Assim Luiz aprendeu
A trabalhar e tocar
E nunca desmereceu.

De uma grande família
Ele e mais oito irmãos
Sempre foi obediente
Respeitando a tradição
Nasceu, viveu e cantou
Para o bem da nação.

Ainda adolescente
Passou a se apresentar
Em feiras. Forró e bailes
Acordeon a tocar
Acompanhando seu pai
Que animava o lugar.

Autêntico representante
Da cultura nordestina
Para o sudeste partiu
Foi cumprir a sua sina
Mas se manteve fiel
À terra de Araripina.

No Brasil foi consagrado
Como o Rei do Baião
Pelo gênero musical
Que trouxe em sua canção
Com a música ASA BRANCA
Ele animou o sertão.

Antes dos dezoito anos
Teve a primeira paixão
Seu nome era Nazarena
Uma moça da região
Mas o pai dela não quis
Aprovar a união.

Ameaçado de morte
Pelo pai de sua amada
O coronel Deolindo
Apontava a espingarda
Os dois se amavam escondido
Uma vida amargurada.

Só que os pais de Luiz
Trites com a situação
Nele deram uma surra
Prá desfazer a união
E ele fugiu de casa
Abandonou o sertão.

E na cidade do Crato
Estado do Ceará
Ele ingressou no exército
Nove anos ficou lá
Sem dar notícias a família
Pelo Brasil a andar.

No ano de trinta e nove
Do exército se afastou
Desse dia por diante
À música se dedicou
E pelo Brasil a fora
Ele cantou e encantou.

No início da carreira
Solava acordeão
Com choros, sambas e xotes
E outros gêneros de canção
Seu repertório crescia
Chegando a televisão.

Foi vestido de vaqueiro
Roupa que o consagrou
Como artista nordestino
Pois o povo aprovou
Assim o pernambucano
As plateias conquistou.

No ano de quarenta e seis
Para Exu regressou
E com muita emoção
Com seus pais se encontrou
Santana ficou feliz
Januário se alegrou.

Do reencontro com os pais
Surgiu mais uma canção
Foi Respeita Januário
Feita com dedicação
Em homenagem a seu pai
Com amor no coração.

De um caso de amor
Com a cantora Odiléia
Que de outro estava grávida
Mas vivia na plateia
Gonzaga assumiu o filho
E Gonzaguinha estreia.

Com infância conturbada
Mas pelo seu pai amado
Gonzaguinha ficou sem mãe
Pelos padrinhos foi criado
Depois foi prá um internato
Bastante sacrificado.

Com alguns anos depois
A faculdade terminou
Se tornando um grande músico
E com o pai se aliou
Ficando assim mais unidos
Cada um com seu valor.

No ano de quarenta e oito
Foi que Luiz se casou
Com Helena Cavalcanti
Por quem se apaixonou
E assim juntos viveram
Foi bom enquanto durou.

Só que dessa união
Nenhum filho se gerou
Mas adotaram uma menina
Com dedicação e amor
Ela se chamava Rosa
Que o seu lar perfumou.

Assim foi Luiz Gonzaga
A sua vida levando
Com sua esposa Helena
Que foi lhe desencantado
Por ser muito ciumenta
Gonzaga foi se afastando.

Com setenta e cinco anos
Resolveu se separar
Por uma moça mais nova
Achou de se apaixonar
Chamada Edelzuita
Com Gonzaga foi morar.

Foi quando surgiu a música
Que caiu na boca do povo
Diz que prá cavalo velho
O remédio é capim novo
Que só queria comer
A codorna e o ovo.

Luiz Gonzaga mostrou
Da cidade ao sertão
O poder que a música tem
Para unir a nação
Não é à toa que foi
O grande Rei do Baião.

Da Serra do Araripe
Onde Luiz foi menino
Traduziu em sua música
A saga do nordestino
Povo que canta GONZAGA
Como se fosse um hino.

Cantou Cigarro de Paia
E A-B-C do Sertão
A Feira de Caruaru
E Corrida de Mourão
A Moda da Mula Preta
E o Luar do Sertão.

São João do Carneirinho
E Chero de Carolina
Apologia ao Jumento
E O Xote das meninas
Dezessete e setecentos
Quero Chá e Cintura fina.

Ele cantou Asa Branca
Cantou a Triste Partida
A vida do Viajante
E Amor da Minha Vida
E Vou te Matar de Cheiro
Foi a sua despedida.

Cantou com muitos artistas
Que seu caminho cruzaram
Elba Ramalho entre eles
Muitas músicas cataram
Com Sanfoninha Choradeira
Muitos aplausos ganharam.

Foram muitos os troféus
Que este artista ganhou
Seu primeiro disco de ouro
Que o povo consagrou
LP Danado de Bom
O seu sucesso aumentou.

Foram tantas as canções
Que a gente perde a conta
Se for contar passa o dia
A noite e o sol aponta
Todas elas muito boas
Que ao mundo inteiro encanta.

Mas como tudo na vida
Se tem o fim por certeza
Que a gente queira ou não queira
É obra da natureza
A morte não faz escolhas
Nem riqueza nem pobreza.

Com o nosso grande ídolo
Também não foi diferente
Com a idade avançando
Já foi ficando doente
Mas na cadeira de rodas
Ainda cantou contente.

Foi quando a força acabou
Levando-o a se entregar
Dando espaço para a morte
A sua alma levar
O corpo foi no cortejo
Com o povo a cantar.

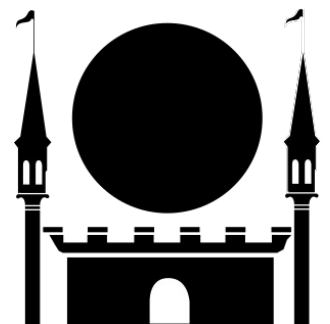
Nem se despediu de mim
Foi a música mais cantada
Enquanto o enterro seguia
Pelas ruas e calçadas
Da cidade de Recife
Sua última caminhada.

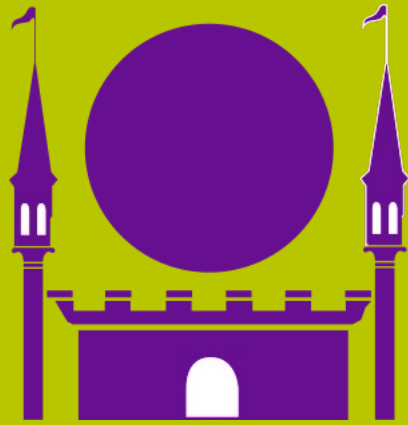
No dia dois de agosto
De oitenta e nove o ano
O GONZAGÃO , nos deixou
Com o triste desengano
Deixa na terra a tristeza
Prá cantar em outro plano.

Sei que no céu ele canta
Xote, Forró e Baião
Ao som de uma orquestra
Que toca com animação
Acompanhado de anjos
Sem nenhuma aflição.

Se hoje estivesse vivo
Cem anos completaria
Fazia nossos festejos
Ter muito mais alegria
Mas vamos nos contentar
A ouvir suas cantorias.

Luiz Gonzaga se foi
Um cabra macho prá danar
Cantou para o nosso povo
Issó ninguém vai negar
Enquanto viveu na terra
Não desistiu de lutar
E agora no céu está.



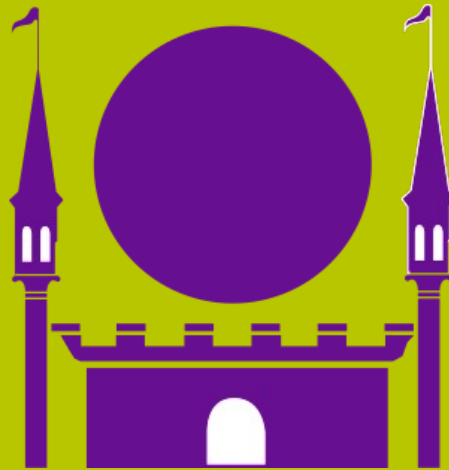


Publicações

1. Tempos de Quarentena
2. No Reino dos Brinquedos
3. Isso eu gosto e recomendo
Para o seu cinema em casa
4. Quem lê toma consciência
De um mundo libertador
5. São João, festa do povo
É cultura popular
6. Namoro à Distância
7. Qualquer tema pode ter
A marca do trovador
8. O Nosso Cordel da Paz
9. A verdadeira amizade
Nem a distância separa
10. Amor de avós é riqueza
Que se traz no coração

11. Paulo e a Esfinge

12. No cordel que escrevemos
Machismo nunca tem rima
13. Viagens que Marcam
14. Sobre os palcos dessa vida
Quero ser protagonista
15. Setembro Amarelo
16. A chama que queima as matas
Atinge o meu coração
17. Outubro Rosa
18. O Valor do Professor



Cordel Encastelado é uma iniciativa de cordelistas de vários lugares do país para escreverem cordel coletivamente durante o período de quarentena, devido à pandemia de COVID-19.

Você pode obter este e outros cordéis no endereço:

<http://livros.cordeis.com/>

E no canal de Telegram e-Cordel:

<https://t.me/ecordel>

O padrão de cores utilizado foi pego em <https://botsin.space/@accessibleColors>

Se você é cordelista e quer participar do projeto, mande e-mail para cg@cordeis.com